

SAÚDE E AMBIENTE

V.10 • N.1 • 2025 - Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3798

ISSN Impresso: 2316-3313

DOI: 10.17564/2316-3798.2025v10n1p484-500



ASSOCIAÇÃO ENTRE ASSERTIVIDADE E ANSIEDADE: UM ESTUDO ENTRE UNIVERSITÁRIOS DE ODONTOLOGIA

ASSOCIATION BETWEEN ASSERTIVENESS AND ANXIETY: A
STUDY AMONG DENTAL STUDENTS

ASOCIACIÓN ENTRE ASERTIVIDAD Y ANSIEDAD: UN ESTUDIO
ENTRE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS DE ODONTOLOGÍA

Larissa Pandolfo Cirino¹
Carolina Daniel Montagner²
Luiz Antonio Lourencetti³
Rosana de Fátima Possobon⁴

RESUMO

Estudantes de graduação vivem diante de muitos fatores de risco para o adoecimento psicológico, sendo os acadêmicos de cursos da saúde mais propensos a desenvolver ansiedade ao longo do curso. Esse estudo objetivou investigar a associação do nível de assertividade e de ansiedade de alunos de graduação em Odontologia. Estudo observacional transversal realizado com 362 indivíduos, de ambos os sexos, com idade média de 21,1 anos, matriculados no curso de odontologia de uma instituição pública de ensino superior paulista. Foram coletados dados socioeconômicos e utilizado o Inventário de Ansiedade Traço-Estado e a Escala de Assertividade de Rathus para a investigação das variáveis ansiedade e assertividade. Toda coleta dos dados foi conduzida por meio de questionário eletrônico enviado por e-mail ou WhatsApp. Inicialmente, foram realizadas análises descritivas de todas as variáveis e modelos de regressão logística múltipla entre as variáveis independentes e o desfecho (grau de ansiedade). Houve associação estatisticamente significativa entre a ansiedade e o ano de curso, sendo os alunos do quarto ano os que apresentaram ansiedade em nível severo. Também houve associação entre ansiedade e assertividade, sendo os estudantes do grupo não assertivo os que tiveram níveis de ansiedade severo. Encontrou-se associação significativa entre grau de ansiedade e assertividade, sendo ela um fator de risco para a saúde e desempenho acadêmico dos alunos de graduação de odontologia salientando para a necessidade de intervenções preventivas para identificação precoce e aprendizado de habilidades sociais.

PALAVRAS-CHAVE

Ansiedade; Assertividade; Estudantes; Odontologia.

ABSTRACT

Undergraduate students live with many risk factors for psychological illness, and students in health courses are more likely to develop anxiety throughout the course. This study aimed to investigate the association between the level of assertiveness and anxiety of undergraduate students in Dentistry. This was a cross-sectional observational study conducted with 362 individuals, of both sexes, with a mean age of 21.1 years, enrolled in the dentistry course of a public institution of higher education in São Paulo. Socioeconomic data were collected and the State-Trait Anxiety Inventory and the Rathus Assertiveness Scale were used to investigate the anxiety and assertiveness variables. All data collection was conducted through an electronic questionnaire sent by email or WhatsApp. Initially, descriptive analyses of all variables and multiple logistic regression models were performed between the independent variables and the outcome (degree of anxiety). There was a statistically significant association between anxiety and the year of the course, with fourth-year students presenting severe anxiety. There was also an association between anxiety and assertiveness, with students in the non-assertive group having severe anxiety levels. A significant association was found between the degree of anxiety and assertiveness, which is a risk factor for the health and academic performance of undergraduate dental students, highlighting the need for preventive interventions for early identification and learning of social skills.

KEYWORDS

Anxiety; Assertiveness; Students; Dentistry.

RESUMEN

Los estudiantes de pregrado viven con muchos factores de riesgo para las enfermedades psicológicas, y los estudiantes de cursos de salud tienen más probabilidades de desarrollar ansiedad a lo largo del curso. Este estudio tuvo como objetivo investigar la asociación entre el nivel de asertividad y ansiedad de los estudiantes de pregrado en Odontología. Se trata de un estudio observacional transversal, realizado con 362 individuos, de ambos sexos, con edad promedio de 21,1 años, matriculados en el curso de odontología de una institución pública de enseñanza superior de São Paulo. Se recogieron datos

socioeconômicos y se utilizaron el Inventario de Ansiedad Estado-Rasgo y la Escala de Asertividad de Rathus para investigar las variables ansiedad y asertividad. Toda la recolección de datos se realizó a través de un cuestionario electrónico enviado por correo electrónico o WhatsApp. Inicialmente, se realizaron análisis descriptivos de todas las variables y modelos de regresión logística múltiple entre las variables independientes y el resultado (grado de ansiedad). Hubo una asociación estadísticamente significativa entre la ansiedad y el año de la carrera, presentándose ansiedad severa en los estudiantes de cuarto año. También hubo una asociación entre la ansiedad y la asertividad, y los estudiantes del grupo no asertivo tenían niveles graves de ansiedad. Se encontró una asociación significativa entre el grado de ansiedad y la asertividad, que es un factor de riesgo para la salud y el rendimiento académico de los estudiantes de pregrado en odontología, destacando la necesidad de intervenciones preventivas para la identificación temprana y el aprendizaje de habilidades sociales.

PALABRAS CLAVE

Ansiedad; Asertividad; Estudiantes; Odontología.

1 INTRODUÇÃO

O ensino superior representa uma fase crítica de transição no desenvolvimento psicossocial do jovem adulto, marcada por mudanças significativas e desafios acadêmicos, sociais e emocionais (BOLSONI-SILVA *et al.*, 2009; DIAS *et al.*, 2019; BORBA *et al.*, 2019; BERNARDELLI *et al.*, 2022; ROTARU *et al.*, 2024). Tal cenário apresenta situações que frequentemente geram medo e ansiedade, uma vez que os estudantes precisam se adaptar a novos papéis e responsabilidades, lidar com dúvidas em relação à escolha da carreira, construir novas relações afetivas, incorporar hábitos e rotinas distintas, e desenvolver um repertório ampliado de habilidades acadêmicas e interpessoais (MONDARDO; PEDON, 2005; CALAIS *et al.*, 2007; BOLSONI-SILVA; GUERRA, 2014; CHAVES *et al.*, 2015; FERREIRA *et al.*, 2019).

Nos cursos da área da saúde, como a Odontologia, esses desafios são ampliados, pois, além das demandas teóricas, os estudantes assumem precocemente atividades clínicas que exigem competência técnica, comunicação eficaz e responsabilidade direta pelo cuidado ao paciente (KARAOGU; SEKER, 2010; PEREIRA-LIMA; LOUREIRO, 2017). Esses fatores não apenas afetam o bem-estar emocional dos discentes, mas também impactam diretamente a qualidade da aprendizagem e o desempenho acadêmico, conforme indicam estudos recentes (MEDEIROS; BITTENCOURT, 2017; REIS *et al.*, 2017; FERREIRA *et al.*, 2019; BRAZ-JOSÉ *et al.*, 2023; ROTARU *et al.*, 2024; CHAN *et al.*, 2025).

Nesse contexto, múltiplos fatores contribuem para a deterioração do bem-estar físico e mental dos estudantes, favorecendo comportamentos de risco, como tabagismo, alimentação inadequada, uso abusivo de álcool e substâncias psicoativas (NEWBURY-BIRCH *et al.*, 2002). Além disso, a exposição prolongada a esses estressores tem sido associada ao desenvolvimento de quadros clínicos como

estresse crônico, ansiedade e depressão (FACUNDES; LUDERMIR, 2005; PEREIRA-LIMA; LOUREIRO, 2015; BORBA *et al.*, 2019; CHAN *et al.*, 2025).

O impacto da saúde mental sobre o desempenho acadêmico e futuro profissional dos estudantes é significativo. A ansiedade é uma das condições mais comuns no ambiente universitário, influenciando diretamente o desempenho acadêmico e as relações interpessoais (BOLSONI-SILVA; GUERRA, 2014). Caracterizada por apreensão diante de avaliações, preocupação excessiva e dificuldade de controle emocional, torna-se um problema quando se manifesta de modo desproporcional ou prejudica a qualidade de vida e o desempenho do indivíduo (APA, 2013). A ansiedade pode se manifestar como um estado emocional transitório (ansiedade-estado) ou como uma característica relativamente estável da personalidade (ansiedade-traço), refletindo como o indivíduo tende a lidar com as situações (FIORAVANTI *et al.*, 2006). Quando não tratada, a ansiedade interfere na adaptação ao meio universitário e aumenta a vulnerabilidade dos estudantes a outros transtornos emocionais (MACHADO; SOARES, 2024).

Dessa forma, é plausível que estudantes que enfrentam níveis crônicos de ansiedade estejam suscetíveis a desafios futuros associados ao estresse e/ou depressão (ALAMRI; NAZIR, 2022). Para os alunos de cursos da área da saúde, somam-se as dificuldades relacionadas ao estabelecimento de vínculos com os pacientes e à constante necessidade de adquirir habilidades clínicas (MONDARDO; PEDON, 2005; KARAOGLU; SEKER, 2010; HUTCHINSON; GOODIN, 2013; TEIXEIRA *et al.*, 2014; ALAMRI; NAZIR, 2022).

Estudos com universitários de Odontologia corroboram essa preocupação, revelando um cenário de acentuada vulnerabilidade emocional, com altos índices de adoecimento psicológico que superam, por vezes, os de outras áreas da saúde (BASUDAN *et al.*, 2017; CARVALHO *et al.*, 2017; LEÃO *et al.*, 2018; ROTARU *et al.*, 2024; CHAN *et al.*, 2025). Sabe-se que a alta prevalência de sintomas de ansiedade é influenciada por um complexo e multifatorial conjunto de estressores.

No campo acadêmico, os discentes enfrentam uma pressão incessante pela perfeição técnica em procedimentos de alta complexidade, onde o medo de cometer erros com consequências para o paciente é uma fonte constante de tensão (ROTARU *et al.*, 2024; CHAN *et al.*, 2025). Soma-se a isso a desafiadora gestão do relacionamento clínico, que exige não apenas competência, mas também maturidade emocional para lidar com as expectativas, medos e dores dos pacientes (GARBIN *et al.*, 2021).

Concomitantemente, esses fatores transbordam para a vida pessoal e social, onde a sobrecarga de estudos e a exaustão mental frequentemente resultam em negligência com o autocuidado, manifestada em rotinas de insônia e sedentarismo. A dedicação integral ao curso também pode deteriorar relacionamentos interpessoais importantes, enquanto a preocupação excessiva com o futuro, alimentada pela competitividade do mercado e pelo peso financeiro do curso, gera um estado de apreensão crônica (LEÃO *et al.*, 2018).

Adicionalmente, essa carga de estressores não é estática. Observa-se uma tendência cumulativa de agravamento dos sintomas com o avançar do percurso acadêmico (MUNIZ *et al.*, 2019). Os primeiros anos são marcados pelas dificuldades de adaptação, enquanto nos anos seguintes as preocupações se voltam para a manutenção de um bom desempenho acadêmico e, nos anos finais, pela intensificação das responsabilidades clínicas e pelas incertezas sobre o futuro profissional (MUNIZ *et al.*, 2019; GARBIN *et al.*, 2021).

Por outro lado, o desenvolvimento de habilidades sociais, como a assertividade, surge como um importante fator de proteção. A assertividade é definida como a capacidade de expressar sentimen-

tos, pensamentos e direitos de forma clara e direta, sem violar os direitos dos outros (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001). Essa habilidade facilita a comunicação interpessoal, reduz conflitos e promove maior autoconfiança, o que é essencial para estudantes que enfrentam interações constantes e situações estressantes (BOLSONI-SILVA; LOUREIRO, 2014; MACHADO; SOARES, 2024). A assertividade pode ser moldada pela aprendizagem social, pela capacidade de análise situacional e pela habilidade de fornecer respostas adequadas a essas situações (BANDEIRA *et al.*, 2005; MARCHEZINI-CUNHA; TOURINHO, 2010), podendo também ser considerada uma característica da personalidade (VAGOS; PEREIRA, 2010; HERNÁNDEZ-XUMET *et al.*, 2024).

A literatura aponta uma relação inversa entre assertividade e ansiedade. Indivíduos mais assertivos apresentam menor propensão a desenvolver sintomas ansiosos, pois conseguem enfrentar situações de pressão com maior eficácia (BANDEIRA *et al.*, 2005; VAGOS; PEREIRA, 2010). Em contrapartida, a baixa assertividade pode aumentar a tensão em interações sociais, levar a uma autoavaliação negativa e ampliar o risco de isolamento, enquanto a própria ansiedade inibe o comportamento assertivo, criando um ciclo prejudicial (VAGOS; PEREIRA, 2010; FERREIRA *et al.*, 2019).

Considerando que a assertividade é uma habilidade que pode ser aprendida, os estudantes universitários podem se beneficiar ao adquirir essa competência (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001). Isso os prepara para enfrentar os desafios acadêmicos, promove interações mais saudáveis e contribui para relacionamentos positivos, aumentando a probabilidade de sucesso acadêmico e bem-estar geral, ao mesmo tempo em que os prepara para as demandas da futura vida profissional (BANDEIRA *et al.*, 2005).

Diante da relevância dessa associação, este estudo objetiva investigar a relação entre os níveis de assertividade e ansiedade em uma amostra de estudantes de Odontologia. Espera-se que os resultados possam fornecer subsídios para a criação de programas preventivos e intervenções que promovam o desenvolvimento de habilidades assertivas, visando reduzir a ansiedade e melhorar o bem-estar e o desempenho acadêmico dos alunos.

2 MÉTODO

Trata-se de um estudo observacional transversal realizado com estudantes do curso de Odontologia matriculados entre os anos de 2018 e 2021 em uma instituição pública de ensino superior no estado de São Paulo. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 38427720.7.0000.5418), garantindo a observância dos princípios éticos e legais.

Adotou-se uma amostra não-probabilística e de conveniência, composta por 362 estudantes universitários, regularmente matriculados em qualquer fase do curso de odontologia (do primeiro ao quinto ano) (28,7% do 1º ano), de ambos os sexos (75,1% feminino) e com média de idade de 21,1 anos (variação de 16 a 32 anos).

Os dados foram coletados de forma eletrônica, no período de 2018 a 2021, utilizando questionários distribuídos por meio de e-mails e mensagens via WhatsApp, enviados para todos os alunos de graduação matriculados na instituição. Inicialmente, os participantes liam e concordavam com o

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, em seguida, eram convidados a responder o questionário sociodemográfico, com a finalidade de coletar dados sobre: sexo (masculino e feminino), idade, período do curso (por ano de matrícula), escolaridade dos pais e a renda familiar.

Em seguida, para avaliação dos níveis de ansiedade, os participantes responderam ao Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE), instrumento de autoavaliação que mensura a percepção tanto do estado quanto do traço de ansiedade. O instrumento foi traduzido, adaptado e validado para população brasileira por Biaggio e Natalício (1979). O IDATE possui 20 itens que são pontuados em uma escala de *Likert* de 4 pontos (1 – quase nunca a 4 – quase sempre), com escores totais variando de 20 a 80 (SANTOS; GALDEANO, 2009; FONTES *et al.*, 2022). Neste estudo, o grau de ansiedade foi classificado em leve (de 20 a 30 pontos); moderada (31 a 49) ou severa (50 a 80) (FONTES *et al.*, 2022).

Por fim, para mensuração do nível de assertividade, utilizou-se a Escala de Assertividade de Rathus (RAS), adaptada por Pasquali e Gouveia (2012) para a população brasileira. Esse instrumento de autoavaliação é composto por 30 questões que avaliam o comportamento assertivo em situações sociais, com possibilidade de resposta em uma escala do tipo *Likert* de 6 pontos, disposta em valores negativos e positivos entre “extremamente parecido comigo” (+3) a “extremamente diferente de mim” (-3). Os itens descrevem comportamentos que surgem em situações cotidianas, sendo 19 itens computados no sentido inverso (dimensão “não assertividade”) e 11 itens (dimensão “assertividade”). O resultado da RAS é baseado na soma de todos os itens de cada dimensão (BANDEIRA *et al.*, 2005; HERNÁNDEZ-XUMET *et al.*, 2024). Para o presente estudo, a assertividade foi classificada em: muito não assertivo (escores -90 a -20); situacionalmente não assertivo (escores -19 a 0); um pouco assertivo (escores 1 a 19); assertivo (escores 20 a 39) ou provavelmente assertivo (escores 40 a 90). Para este estudo, os escores foram dicotomizados nas categorias não assertivo (escores de -90 a 0) e assertivo (escores 1 a 90) (BANDEIRA *et al.*, 2005).

Inicialmente, os dados sociodemográficos, de ansiedade e assertividade foram organizados em planilhas eletrônica. Foram realizadas análises descritivas utilizando frequências absolutas e relativas para variáveis categóricas, e medidas de tendência central (média, desvio padrão, valor mínimo e máximo) para variáveis contínuas. Em seguida, foram realizadas as análises inferenciais no software R (R CORE TEAM, 2022), utilizando a regressão logística múltipla para investigar a associação entre as variáveis independentes (sexo, ano de matrícula, renda familiar) e o desfecho (grau de ansiedade). Os critérios de inclusão no modelo múltiplo foram variáveis com $p < 0,20$ nas análises univariadas. A partir do modelo múltiplo, foram estimados os *odds ratios* ajustados com os respectivos intervalos de 95% de confiança. O ajuste do modelo foi avaliado utilizando o Critério de Informação de Akaike (AIC). A significância estatística foi definida em $p < 0,05$.

3 RESULTADOS

A amostra foi composta por 362 estudantes do curso de Odontologia de uma universidade público do interior paulista, a amostra foi composta por alunos com média de idade de 21,1 anos (variação

de 16 a 32 anos) e predomínio do sexo feminino (75,1%; n=272). A distribuição dos estudantes pelos anos do curso foi variada, com maior concentração nos primeiros anos do curso (28,7% no primeiro ano e 14,4% no segundo). Quanto à escolaridade parental, a maioria dos pais (53,9%) e mães (54,1%) possuía ensino superior completo. Em relação à renda, a categoria mais frequente (47,5% somando as duas faixas mais altas) foi de 8 salários-mínimos ou mais. Os dados sociodemográficos detalhados são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 - Análise descritiva do perfil da amostra de acadêmicos de Odontologia (n=362).

Variável	Categoria	Frequência	Porcentagem
Sexo	Feminino	272	75,1%
	Masculino	90	24,9%
Ano do curso	1	104	28,7%
	2	52	14,4%
	3	81	22,4%
	4	71	19,6%
	5	48	13,2%
	Não informado	6	1,7%
Instrução do pai	1 a 4 série incompleta	3	0,8%
	1 a 4 série completa	8	2,2%
	5 a 8 série incompleta	10	2,8%
	5 a 8 série completa	8	2,2%
	Segundo grau incompleto	3	0,8%
	Segundo grau completo	88	24,3%
	Superior incompleto	34	9,4%
	Superior completo	195	53,9%
	Não informado	13	3,6%
Instrução da mãe	1 a 4 série incompleta	2	0,6%
	1 a 4 série completa	5	1,4%
	5 a 8 série incompleta	10	2,8%
	5 a 8 série completa	12	3,3%
	Segundo grau incompleto	7	1,9%

Variável	Categoria	Frequência	Porcentagem
Instrução da mãe	Segundo grau completo	96	26,5%
	Superior incompleto	18	5,0%
	Superior completo	196	54,1%
	Não informado	16	4,4%
Renda	Menos de 2 salários mínimos	18	5,0%
	Entre 3 e 4 salários mínimos	72	19,9%
	Entre 5 e 7 salários mínimos	75	20,7%
	Entre 8 e 9 salários mínimos	90	24,9%
	Acima de 10 salários mínimos	82	22,6%
	Não informado	25	6,9%
Grau de ansiedade	Leve	18	5,0%
	Moderado	193	53,3%
	Severo	151	41,7%
Classificação da Assertividade	Não assertivo	181	50,0%
	Assertivo	154	42,5%
	Não informado	27	7,5%
Variável		Média (DP)	Mediana (MIN e MAX)
Idade (anos)	-	21,1 (2,4)	21,0 (16,0-32,0)
IDATE	-	48,0 (11,1)	47,0 (20,0-79,0)
RAS	-	-2,7 (22,5)	-2,0 (-79,0-54,0)

Legenda: IDATE: Inventário de Ansiedade Traço-Estado; RAS: Escala de Assertividade de Rathus; DP=desvio padrão; MIN= valor mínimo; MAX=valor máximo; p<0,05
 Fonte: Dado da pesquisa

Em relação à ansiedade, a pontuação média no IDATE foi de 48,0 (DP=11,1). A maioria dos participantes foi classificada com ansiedade moderada (53,3%; n=193) ou severa (41,7%; n=151). Quanto à assertividade, a análise do RAS revelou uma pontuação média de -2,7 (DP=22,5), com metade da amostra (50,0%; n=181) sendo classificada como não assertiva e 42,5% (n=154) como assertiva. Para a análise de associação, a ansiedade foi dicotomizada em Grupo 1 (leve e moderada) e Grupo 2 (severa). A Tabela 2 apresenta os resultados da regressão logística que investigou a associação

entre o grau de ansiedade e as variáveis sociodemográficas e de assertividade. Os resultados indicaram que o ano do curso e a classificação da assertividade foram as únicas variáveis com associação estatisticamente significativa com a ansiedade severa.

Tabela 2 - Resultados das análises de associação com o grau de ansiedade (IDATE), em acadêmicos de Odontologia (n=362).

Variável / Categoria	n (%)	Ansiedade		OR bruto (IC95%)	p-valor	OR ajustado (IC95%)	p-valor
		Grupo 1 n (%)	Grupo 2 n (%)				
Sexo							
Feminino	272 (75,1%)	151 (55,5%)	121 (44,5%)	1,60 (0,97-2,64)	0,0641	-	-
Masculino	90 (24,9%)	60 (66,7%)	30 (33,3%)	Ref			
Ano do curso							
1	104 (28,7%)	67 (64,4%)	37 (35,6%)	Ref		-	-
2	52 (14,4%)	28 (53,8%)	24 (46,2%)	1,55 (0,79-3,06)	0,2032		
3	81 (22,4%)	50 (61,7%)	31 (38,3%)	1,12 (0,62-2,05)	0,7061		
4	71 (19,6%)	32 (45,1%)	39 (54,9%)	2,21 (1,19-4,09)	0,0118		
5	48 (13,3%)	33 (68,8%)	15 (31,2%)	0,82 (0,40-1,71)	0,6014		
Não informado	6 (1,7%)	1 (16,7%)	5 (83,3%)	-	-		
Grau de instrução do pai							
Até superior incompleto	154 (42,5%)	86 (55,8%)	68 (44,2%)	1,29 (0,81-1,97)	0,2415	-	-
Superior completo	195 (53,9%)	121 (62,0%)	74 (38,0%)	Ref			
Não informado	13 (3,6%)	4 (30,8%)	9 (69,2%)	-	-		

Variável / Categoria	n (%)	Ansiedade		OR bruto (IC95%)	p-valor	OR ajustado (IC95%)	p-valor
		Grupo 1 n (%)	Grupo 2 n (%)				
Até superior incompleto	150 (41,4%)	81 (54,0%)	69 (46,0%)	1,44 (0,93-2,21)	0,1410	-	-
Superior completo	196 (54,1%)	123 (62,8%)	73 (37,2%)	Ref			
Não informado	16 (4,4%)	7 (43,8%)	9 (56,2%)	-	-		
Renda							
Até 9 salários-mínimos	255 (70,4%)	144 (56,5%)	111 (43,5%)	1,49 (0,88-2,50)	0,1345	-	-
Pelo menos de 10 salários	82 (22,6%)	54 (65,8%)	28 (34,2%)	Ref			
Não informado	25 (6,9%)	13 (52,0%)	12 (48,0%)	-	-		
Assertividade							
Não assertivo	181 (50,0%)	87 (48,1%)	94 (51,9%)	3,08 (1,94-4,90)	0,0003	3,08 (1,94-4,90)	0,0003
Assertivo	154 (42,5%)	114 (74,0%)	40 (26,0%)	Ref		Ref	
Não informado	27 (7,5%)	10 (37,0%)	17 (67,0%)	-	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa

Legenda: Grupo 1: ansiedade leve e moderada; Grupo 2: ansiedade severa; p<0,05

Observou-se uma associação significativa entre o ano do curso e a ansiedade (p=0,0118). Especificamente, estudantes do quarto ano apresentaram a maior prevalência de ansiedade severa (54,9%; n=39) em comparação com os demais anos, nos quais a maioria dos alunos se concentrou nos níveis leve ou moderado.

A assertividade também demonstrou uma associação estatisticamente significativa com a ansiedade (p=0,0003). Estudantes classificados como não assertivos apresentaram 3,08 vezes mais chance de desenvolver ansiedade severa em comparação aos assertivos (OR = 3,08; IC95%: 1,94–4,90; p < 0,01).

4 DISCUSSÃO

Com relação a idade da amostra e a prevalência de estudantes do sexo feminino, os resultados apresentados vão ao encontro dos achados de Carvalho *et al.* (2017), que identificaram um perfil demográfico semelhante e também relataram a ocorrência de sintomas de ansiedade em pelo menos 50% da população avaliada.

Os resultados deste estudo corroboram a literatura ao indicar uma relação inversa entre ansiedade e assertividade, alinhando-se com achados de pesquisas anteriores (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001; BANDEIRA *et al.*, 2005; VAGOS; PEREIRA, 2010; LEÃO *et al.*, 2018). Tais estudos demonstraram que indivíduos com maior assertividade apresentaram níveis mais baixos de ansiedade, sugerindo que a capacidade de expressar sentimentos e necessidades de forma clara e direta atua como um fator protetivo contra o desenvolvimento de sintomas ansiosos. Esses resultados reforçam a importância do desenvolvimento de habilidades sociais no contexto acadêmico, especialmente em cursos da área da saúde, como Odontologia, onde o desempenho clínico e as interações interpessoais são frequentemente desafiadores.

Além disso, identificou-se que a ansiedade é mais prevalente entre os estudantes dos anos finais do curso, mas também pode ser observada de nível leve ou moderado nos estudantes de todos os anos curriculares, achado também observado em outros estudos (MUNIZ *et al.*, 2019; GARBIN *et al.*, 2021; BERNARDELLI *et al.*, 2022; ROTARU *et al.*, 2024). Esses estudos sugerem que essa vulnerabilidade ampliada pode ser explicada pela pressão por excelência técnica, o contato precoce com pacientes nos anos clínicos e preocupações com o futuro profissional. Rotaru *et al.* (2024), especificamente, destacam que os desafios acadêmicos contínuos, como a alta carga curricular, avaliações frequentes e expectativas elevadas contribuem para manter níveis constantes de ansiedade ao longo de toda a formação acadêmica, ainda que com maior intensidade nos anos finais.

A literatura sugere que esse tipo de ansiedade pode prejudicar o desempenho clínico e a comunicação eficaz com os pacientes, aumentando o risco de erros e insatisfação acadêmica (KARAOLGU; SEKER, 2010; HUTCHINSON; GOODIN, 2013). Os resultados encontrados por esse estudo indicam que a baixa assertividade emerge como um fator de risco significativo para ansiedade severa, reforçando a importância do desenvolvimento de habilidades sociais no ambiente acadêmico. Esses achados estão alinhados com estudos anteriores (BANDEIRA *et al.* 2005; VAGOS; PEREIRA, 2010), que demonstram que indivíduos menos assertivos são mais vulneráveis ao estresse e à ansiedade em situações de pressão. Assim, a implementação de programas de treinamento em habilidades assertivas pode proporcionar aos estudantes ferramentas para lidar melhor com situações estressantes e fortalecer sua autoconfiança e bem-estar emocional.

Embora alguns estudos indiquem diferenças de gênero na prevalência de transtornos mentais (GOMES *et al.*, 2020) e, especificamente, nos níveis de assertividade e ansiedade (VAGOS; PEREIRA, 2010; BERNARDELLI *et al.*, 2022), este estudo não encontrou essas diferenças de forma estatisticamente significativa. Essa discrepância pode ser atribuída a fatores específicos da amostra, como características culturais ou a alta homogeneidade entre os participantes, majoritariamente mulheres

(75,1%), uma característica também observada por Carvalho *et al.* (2017) em estudantes de odontologia. Ademais, a natureza multifatorial da ansiedade, influenciada por diversas variáveis, pode ter atenuado possíveis diferenças entre os sexos (GARBIN *et al.*, 2021).

Este estudo apresenta como limitação a coleta de dados por meio de questionários eletrônicos, o que pode ter introduzido um viés de seleção, uma vez que estudantes mais ansiosos ou menos assertivos podem ter se absterido de participar. Além disso, a natureza multifatorial do adoecimento psíquico dos estudantes sugere que uma avaliação mais ampla de outras variáveis poderia aprofundar a compreensão dos níveis de ansiedade dos estudantes.

Para futuras pesquisas, recomenda-se a realização de estudos longitudinais que acompanhem o desenvolvimento da ansiedade e das habilidades assertivas ao longo do curso. Devido ao grande número de participantes do sexo feminino e semelhança de desempenho nos instrumentos de ansiedade e assertividade entre os estudantes do sexo masculino e feminino, sugere-se outras análises de dados que possam estratificar a amostra e investigar outras variáveis que influenciam o comportamento assertivo. Por fim, estudos experimentais que avaliem a eficácia de intervenções focadas no treinamento de habilidades assertivas são necessários para verificar se tais estratégias podem, de fato, reduzir os níveis de ansiedade e melhorar o desempenho acadêmico.

Por fim, cabe destacar que os resultados deste estudo têm implicações diretas para as instituições de ensino superior. A alta prevalência de ansiedade e a clara associação com a baixa assertividade sinalizam a urgência de não apenas oferecer suporte psicológico, mas de implementar estratégias preventivas integradas ao currículo dos cursos de graduação. Isso poderia incluir a incorporação formal de módulos de desenvolvimento de habilidades sociais e de comunicação nas disciplinas, preparando os futuros dentistas não só tecnicamente, mas também para os desafios interpessoais da profissão. Tais iniciativas poderiam criar um ambiente acadêmico mais saudável e, em última análise, formar profissionais mais resilientes e eficazes.

5 CONCLUSÃO

Este estudo investigou a relação entre assertividade e ansiedade em estudantes de Odontologia, confirmando uma associação inversa entre essas variáveis: estudantes mais assertivos apresentaram menor probabilidade de desenvolver sintomas severos de ansiedade. Esses achados corroboram a literatura existente, que sugere que a assertividade funciona como um fator de proteção emocional, permitindo que os indivíduos enfrentem situações estressantes de forma mais eficaz e autoconfiante.

Os elevados níveis de ansiedade identificados nos anos finais do curso destacam a necessidade de intervenções preventivas já no início da graduação, facilitando a adaptação acadêmica e emocional dos alunos. Além disso, as pressões clínicas e o contato direto com pacientes reforçam a importância de um suporte contínuo durante toda a formação. A integração de programas que desenvolvam habilidades assertivas nos currículos de Odontologia pode contribuir não apenas para a saúde mental dos estudantes, mas também para a formação de profissionais mais preparados e resilientes diante das demandas da prática clínica.

REFERÊNCIAS

- ALAMRI, A.; NAZIR, M.A. Test anxiety and related factors among health professions students: a Saudi Arabian perspective. **Behav Sci (Basel)**, v. 12, n. 4, 98, 2022.
- APA - American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed. 2013.
- BANDEIRA, M. *et al.* Comportamento assertivo e sua relação com ansiedade, locus de controle e auto-estima em estudantes universitários. **Estud Psicol**, v. 22, n. 2, p. 111-121, 2005.
- BASUDAN, S. *et al.*, A. Depression, anxiety and stress in dental students. **Int J Med Educ**, v. 8, p. 179-186, 2017.
- BERNARDELLI, L.V. *et al.* A ansiedade no meio universitário e sua relação com as habilidades sociais. **Avaliação**, v. 27, n. 1, p. 49-67, 2022.
- BIAGGIO, A.M.B.; NATALÍCIO, L. **Manual para o inventário de ansiedade traço-estado (IDATE)**. Rio de Janeiro: CEP. 1979.
- BOLSONI-SILVA, A.T.; LOUREIRO, S.R. The role of social skills in social anxiety of university students. **Paidéia**, v. 24, n. 58, p. 223-232, 2014.
- BOLSONI-SILVA, A.T.; GUERRA, B.T. O impacto da depressão para as interações sociais de universitários. **Estud Pesq Psicol**, v. 14, n. 2, p. 429-452, 2014.
- BOLSONI-SILVA, A.T. *et al.* Avaliação de um treinamento de habilidades sociais (THS) com universitários e recém-formados. **Interac Psicol**, v. 13, n. 2, p. 241-251, 2009.
- BORBA, C.S. *et al.* Ansiedade social e habilidades sociais em universitários. **Rev Psicol Pesq**, v. 13, n. 3, p. 1-3, 2019.
- BRAZ-JOSÉ, C. *et al.* Stress, anxiety and depression in dental students: Impact of severe acute respiratory syndrome-coronavirus 2 pandemic. **Eur J Dent Educ**, v. 27, n. 3, p. 700-706, 2023.
- CALAIS, S.L. *et al.* Stress entre calouros e veteranos de jornalismo. **Estud Psicol**, v. 24, n. 1, p. 67-76, 2007.

CARVALHO, M.C.P. *et al.* Levantamento da situação de saúde mental e uso de ansiolíticos e antidepressivos por acadêmicos do curso de odontologia de uma universidade do sul de minas gerais. **Rev Univ Vale Rio Verde**, v. 15, n. 1, p. 489-496, 2017.

CHAVES, E.C.L. *et al.* Anxiety and spirituality in university students: a cross-sectional study. **Rev Bras Enferm**, v. 68, n. 3, p. 444-449, 2015.

CHAN, C.C.K. *et al.* a qualitative analysis of students' perceptions and experiences of stressors and well-being in dentistry. **Eur J Dent Educ**, v. 29, n. 1, p. 195-210, 2025.

DEL PRETTE, Z.A.P.; DEL. PRETTE, A. **Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo**. Petrópolis: Vozes. 2001.

DIAS, A.C.G. *et al.* Dificuldades percebidas na transição para a universidade. **Rev Bras Orientaç Prof**, v.20, n.1, p.19-30, 2019.

FACUNDES, V.L.D.; LUDERMIR, A.B. Common mental disorders among health care students. **Braz J Psychiatry**, v. 27, n. 3, p. 194-200, 2005.

FERREIRA, B.C. *et al.* Verificação de ansiedade em acadêmicos dos cursos de saúde de uma universidade privada da Zona da Mata Mineira. **Interdiscip Scien J**, v. 6, n. 5, p. 330-353, 2019.

FIORAVANTI, A.C.M. *et al.* Avaliação da estrutura fatorial da Escala de Ansiedade-Traço do IDATE. **Aval Psicol**, v. 5, n. 2, p. 217-224, 2006.

FONTES, A.V.S. *et al.* Avaliação dos níveis de ansiedade-traço e ansiedade-estado de estudantes de enfermagem em um centro universitário durante a pandemia da Covid-19. **Res Soc Develop**, v. 11, n.5, e35611528200, 2022.

GARBIN, C.A.S. *et al.* Fatores associados ao desenvolvimento de ansiedade e depressão em estudantes de Odontologia. **Rev ABENO**, v. 21, n. 1, p. e1086, 2021.

GOMES, C.F.M. *et al.* Transtornos mentais comuns em estudantes universitários: abordagem epidemiológica sobre vulnerabilidades. **SMAD Rev Eletr Saúde Mental Álcool Drog**, v. 16, n. 1, p. 69-77, 2020.

HERNÁNDEZ-XUMET, J.E. *et al.* Exploring levels of empathy and assertiveness in final year physiotherapy students during clinical placements. **Sci Rep**, v. 14, n.1, 13349, 2024.

HUTCHINSON, T.L.; GOODIN, J.H. Nursing student anxiety as a context for teaching/learning. **J Holist Nurs**, v. 31, n. 1, p. 19-24, 2013.

KARAOGLU, N.; SEKER, M. Anxiety and depression in medical students related to desire for and expectations from a medical career. **West Indian Med J**, v. 59, n. 2, p. 196-202, 2010.

LEÃO, A.M. *et al.* Prevalência de fatores associados à depressão e ansiedade entre estudantes universitários da área da saúde de um grande centro urbano do Nordeste do Brasil. **Rev Bras Educ Med**, v. 42, n. 4, p. 60-69, 2018.

MACHADO, A.S.M.; SOARES, A.B. Revisão sistemática da literatura sobre intervenções de habilidades socioemocionais em estudantes universitários. **Rev Pesq Qual**, v. 12, n. 32, p. 353-376, 2024.

MARCHEZINI-CUNHA, V.; TOURINHO, E.Z. Assertividade e autocontrole: interpretação analítico-comportamental. **Psic Teor Pesq**, v. 26, n. 2, p. 295-304, 2010.

MUNIZ, M.F. *et al.* Fontes de estresse, bem-estar psicológico e saúde entre estudantes de Odontologia: uma comparação entre fases pré-clínica e clínica entre os sexos. **Rev ABENO**, v. 19, n. 3, p. 2-12, 2019.

MEDEIROS, P.P.; BITTENCOURT, F. O. Fatores associados à ansiedade em estudantes de uma faculdade particular. **Rev Psicol**, v. 10, n. 33, p. 43-55, 2017.

MONDARDO, A.H.; PEDON, E.A. Estresse e desempenho acadêmico em estudantes universitários. **Rev Ciênc Hum**, v. 6, n. 6, p. 159-180, 2005.

NEWBURY-BIRCH, D. *et al.* The changing patterns of drinking, illicit drug use, stress, anxiety and depression in dental students in a UK dental school: a longitudinal study. **Br Dent J**, v. 192, n. 11, p. 646-649, 2002.

PASQUALI, L.; GOUVEIA, V.V. Escala de assertividade Rathus - Ras: adaptação brasileira. **Psic Teor Pesq**, v. 6, n. 3, p. 233-249, 2012.

PEREIRA-LIMA, K.; LOUREIRO, S.R. Associations between social skills and burnout dimensions in medical residents. **Estud Psicol**, v. 34, n. 2, p. 281-292, 2017.

R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. Vienna: R Foundation for Statistical Computing, 2022.

REIS, C.F. *et al.* Ansiedade e desempenho acadêmico: um estudo com alunos de ciências contábeis. In: XVII USP International Conference in Accounting, **Anais**, São Paulo (Brasil), 2017.

ROTARU, D.I. *et al.* Insights into self-evaluated stress, anxiety, and depression among dental students. **Sci Rep**, v. 14, p. 30352, 2024.

SANTOS, M.D.L.; GALDEANO, L.E. Traço e estado de ansiedade de estudantes de enfermagem na realização de uma prova prática. **Rev Min Enferm**, v. 13, n.1, p. 76-83, 2009.

TEIXEIRA, C.R.S. *et al.* Anxiety and performance of nursing students in regard to assessment via clinical simulations in the classroom versus filmed assessments. **Invest Educ Enferm**, v. 32, n. 2, p. 270-279, 2014.

VAGOS, P.; PEREIRA, A. A proposal for evaluating cognition in assertiveness. **Psychol Assess**, v. 22, n. 3, p. 657-665, 2010.

Recebido em: 4 de Novembro de 2024

Avaliado em: 7 de Junho de 2025

Aceito em: 11 de Agosto de 2025



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

1 Odontóloga; Programa de Pós-Graduação em Gestão e Saúde Coletiva, Faculdade de Odontologia de Piracicaba, Universidade Estadual de Campinas, Piracicaba, SP. E-mail: lalatpd@hotmail.com

2 Psicóloga; Doutora em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. Centro de Pesquisa e Atendimento Odontológico para Pacientes Especiais – CEPAE, Faculdade de Odontologia de Piracicaba, Universidade Estadual de Campinas, Piracicaba, SP. ORCID 0000-0002-4533-7286. E-mail: carolinadm.psi@gmail.com

3 Psicólogo; Doutor em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. Centro de Pesquisa e Atendimento Odontológico para Pacientes Especiais – CEPAE, Faculdade de Odontologia de Piracicaba, Universidade Estadual de Campinas, Piracicaba, SP. ORCID 0000-0002-8865-0619 E-mail: luizlourencetti@gmail.com

4 Odontóloga; Doutora em Odontologia. Professora Associada da Área de Psicologia Aplicada da Faculdade de Odontologia de Piracicaba. Centro de Pesquisa e Atendimento Odontológico para Pacientes Especiais – CEPAE, Faculdade de Odontologia de Piracicaba, Universidade Estadual de Campinas, Piracicaba, SP. ORCID 0000-0001-6179-3030. E-mail: possobon@fop.unicamp.br

Copyright (c) 2025 Revista Interfaces Científicas - Saúde e Ambiente



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

